



## Unir gerações e partilhar saberes: um projeto de aprendizagem comunitária em contexto rural

### Linking generations and sharing knowledge: A project of community learning in rural context

Fanny Delaux\*, Albertina L. Oliveira\*\*, Rui Duarte Santos\*\*\*

\* Centro Social Paroquial de São Tiago da Guarda, \*\* Universidade de Coimbra, \*\*\*CICS.NOVA IPLeia

#### Resumo

No presente artigo apresentamos um projeto educativo intergeracional, situado teoricamente no campo da gerontologia educativa, que envolveu uma comunidade rural da Região Centro de Portugal, tendo por base a necessidade de reabilitar uma horta que havia sido doada ao Centro Social Paroquial de São Tiago da Guarda (CSPSTG). Para o efeito, damos conta do processo de planificação e envolvimento da comunidade, do planeamento das atividades entre as várias gerações, das dinâmicas educativas implementadas, das mudanças operadas no terreno e nas pessoas, dos resultados a nível da produção de bens alimentares, bem como das relações afetivas, colaborativas e instrutivas geradas.

*Palavras-chave:* Educação intergeracional, Intervenção comunitária, Horta intergeracional; Gerontologia educativa; Envelhecimento ativo.

#### Abstract

The present article reports an intergenerational educational project involving a rural community in the Central Region of Portugal, based on the need to rehabilitate a vegetable garden that was donated to the Social Parochial Centre of São Tiago da Guarda (CSPSTG). For this purpose, we will account for the planning and community involvement process, the planning of activities to be carried out collaboratively among the generations, the dynamics implemented, changes in the field and in people, results in food production, as well as the affective, collaborative and instructive links generated.

*Keywords:* Intergenerational Education, Community Intervention, Intergenerational Vegetation Garden; Educational Gerontology; Active aging.

#### Introdução

No quadro do envelhecimento ativo e da gerontologia educativa considera-se urgente a promoção de atividades educativas e culturais que envolvam as pessoas idosas, para que estas “assumam melhor o seu próprio envelhecimento” (Simões, 1999, p. 8) e possam agir ativamente na sociedade a que pertencem. Contudo, sabemos que as oportunidades de envolvimento frequentemente escasseiam e que é necessário intervir

para promover a estimulação da pessoa como um todo e para fortalecer os seus laços sociais. Por exemplo, o desenvolvimento intelectual dos indivíduos, sobretudo na fase mais avançada do ciclo de vida, apesar de ser marcado por algumas perdas, pode beneficiar de inúmeras aprendizagens e dos contactos sociais. De facto, numerosos dados de investigação empírica indicam que o ser humano está *permanentemente na condição de inacabado* e que, por isso, em qualquer fase da vida é possível e desejável incentivar a sua educação e transformação (Simões, 1999, 2002; Oliveira & Figueiredo, 2017).

Neste sentido, o campo da Gerontologia Educativa, enquanto área de conceitualização e intervenção nos processos de envelhecimento, tem, entre outras finalidades, o propósito de “prevenir o declínio prematuro, facilitar o desenvolvimento de papéis significativos para as pessoas seniores, fomentar o desenvolvimento psicológico de modo a prolongar a saúde e os anos produtivos e aumentar a qualidade de vida das pessoas seniores” (Osorio, 2003, p. 280).

A par da prevenção ou recuperação de declínios, e aproximando gerações, urge também promover a educação intergeracional, definida por (Sáez, 2002) como “processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respetivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal. O objetivo é mudar e transformar-se na aprendizagem com o outro (p. 104).

Neste âmbito, o cultivo de uma horta por diferentes gerações da comunidade contempla, por um lado, a vertente educativa e, por outro, uma vertente intergeracional, pois envolve a interação planeada entre diversos grupos etários, que através do diálogo e da cooperação, alcançam objetivos comuns. À luz destes conceitos teóricos, o presente artigo pretende ilustrar e refletir sobre a implementação do projeto pedagógico e intergeracional “Mãos da terra”.

### Projeto educativo e intergeracional “Mãos da terra”

Localizado na sub-região do Pinhal Interior Norte, em Santiago da Guarda, o Centro Social Paroquial de São Tiago da Guarda (CSPSTG) tem como missão a prestação de serviços à comunidade, fazendo face às diferentes formas de pobreza e exclusão social.

Através das suas respostas sociais – Centro de Dia, Apoio Domiciliário e Centro de Convívio – esta Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) apoia cerca de 62 idosos na satisfação das suas necessidades básicas da vida diária, bem como na melhoria do seu bem-estar físico, psíquico e social.

Neste sentido, o presente projeto pretende, através dos princípios da educação intergeracional (Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2015, 2016), promover a interação entre as várias gerações participantes, para que os seniores transmitam os seus conhecimentos sobre o cultivo da terra às crianças e estas últimas aprendam com a vasta e rica experiência dos primeiros, num ambiente relacional de cooperação, apoio e afeto. Esta metodologia permite a troca de experiências, conhecimentos, atitudes e valores que, por sua vez, aumentam o nível de autoestima e autorrealização de todos os envolvidos. De facto, esta partilha ultrapassa as diferenças etárias, valorizando a transmissão de saberes e de valores que fazem com que as pessoas idosas se sintam valorizadas e incluídas.

França, Silva & Barreto (2010) referem que o planeamento de projetos intergeracionais requer a realização de um diagnóstico das necessidades daqueles públicos, no sentido de perceber as suas capacidades e interesses, bem como os recursos disponíveis e os objetivos e metas a serem cumpridos.

Depois de algumas conversas informais com os seniores, percebemos que os mesmos reconheciam a escassez do contacto com os mais novos, referindo mesmo que *“há crianças que moram na rua ao lado e eu não as conheço”*, valorizando a realização de um projeto com estas características. De facto, sendo esta uma região rural bastante envelhecida e com baixa densidade populacional, grande parte dos idosos vivem isolados, estando manifestamente afastados de outras gerações.

Para levar a cabo a sua concretização foi necessário estabelecer parcerias junto da comunidade (e.g., Grupo de Voluntariado DÁ-TE Mais; Creche; Pré-escola; e Escola Primária). Assim, aproveitando um terreno do CSPSTG, próximo de todos os equipamentos sociais, que se encontrava abandonado, pretendeu-se envolver de forma ativa todos os parceiros na criação e manutenção de uma horta.

Vários estudos apontam para a necessidade de formação e preparação dos elementos que compõem a equipa responsável pela dinamização do projeto (e.g., Caffarella, Daffron & Certero, 2013). Para potenciar o envolvimento comunitário foram realizadas duas reuniões com pessoas bastante ativas na comunidade de Santiago da Guarda e com as entidades que se pretendiam envolver.

Para a primeira reunião foram convocados os membros da direção da instituição bem como os responsáveis pelo grupo de voluntariado da paróquia.

Nessa sessão foi dado a conhecer o projeto, as suas características e potencialidades, tendo em vista, também, o envolvimento dos voluntários. Verificámos que o seu interesse foi notório, tendo surgido de imediato sugestões de preparação do terreno, bem como disponibilidade em colaborar.

Após a auscultação atenta das várias opiniões, o projeto foi apresentado aos responsáveis pelas escolas, que rapidamente perceberam o impacto que um tal projeto de âmbito comunitário poderia ter na vida dos participantes – crianças e utentes – e, a um nível menos direto, nas famílias, funcionários das instituições e na comunidade em geral, tendo sido claro o seu interesse. Foi, assim, atribuído um canteiro de cultivo a cada entidade, no qual fariam as suas plantações, regas, arrancariam as ervas, bem como levariam a efeito os restantes cuidados necessários. Contribuindo para todo este processo, os idosos teriam um papel essencial na partilha dos seus conhecimentos e experiências acerca do modo de cultivar e cuidar da horta.

Ultrapassada a primeira fase, seguiu-se a calendarização das atividades, de forma individual com o responsável de cada turma, onde foram marcadas as datas de ida à horta, bem como esclarecido com mais detalhe o funcionamento das mesmas.

As atividades decorreram em vários locais, algumas no exterior e outras em espaço fechado, tendo sido a maioria delas desenvolvidas na horta. Em cada dia de atividade, as crianças dirigiam-se à hora marcada, com as “botas da horta” num saco, para o espaço da mesma, acompanhadas pelo(a) professor(a) e uma auxiliar. Entretanto, os idosos que queriam ir também o faziam acompanhados pela responsável do projeto. No local, normalmente, aguardava o voluntário que iria colaborar nas respetivas atividades. Na eira do terreno estavam cadeiras para os utentes do CSPSTG e uma manta para as crianças se sentarem. Nas primeiras atividades era feita, geralmente, uma dinâmica de apresentação, em que as crianças se apresentavam, dizendo também o nome do avô ou avó, de forma a serem reconhecidas pelos seniores. Também estes últimos diziam o nome e a morada, encontrando-se, por vezes, pessoas vizinhas que não se conheciam ou até pessoas da família que já não se viam há algum tempo.

Em seguida foram realizadas as plantações, decididas pelos idosos, de acordo com o mês em questão e as condições meteorológicas. Depois de o voluntário preparar a terra, o(s) idoso(s) explicava(m) como devia ser feita a plantação do legume em questão, exemplificando. Para cada legume foram criadas medidas em madeira para as crianças perceberem o espaço a deixar entre cada um.

As atividades foram variadas, dependendo do que existia para fazer na horta. Nas visitas seguintes à horta, após a plantação, as atividades relacionavam-se com a manutenção do canteiro, nomeadamente rega, arrancar ervas daninhas e algumas colheitas, como ilustra a figura 1. Os idosos tinham plantado, numa outra parte da horta, favas e ervilhas que foram, posteriormente, apanhadas e descascadas pelas várias turmas da escola.



Figura 1. Colheita de alfaces

Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero (2013) afirmam que a planificação de projetos intergeracionais deve ser sólida e congruente, mas o programa deve ter espaço para alguma flexibilidade, na medida em que podem ocorrer situações imprevisíveis e incontroláveis, exigindo, assim, uma constante revisão e adaptação para alcançar os objetivos propostos. Neste caso, as condições meteorológicas foram o principal fator para a mudança no planeamento. Quando o tempo não permitia, as atividades intergeracionais eram realizadas no interior – na escola ou na sala do centro de dia. Para estas situações foram criadas algumas dinâmicas, realizadas através de mímica, desenho e perguntas, e um jogo intergeracional com as seguintes categorias: cultura geral, agricultura, clima e história.

No caso das crianças da creche, a maioria deste tipo de atividades foi realizada na respetiva escola, sendo que as crianças cantavam em conjunto com os idosos e mostravam os seus brinquedos, brincando em conjunto, como ilustra a figura 2.



Figura 2. Atividade intergeracional interior

A avaliação das atividades foi realizada de uma forma contínua, no final de cada sessão e no término do ano letivo. A metodologia foi a observação participante que, através do diálogo permitiu a avaliação durante e no final de cada atividade. Os idosos envolvidos manifestaram a sua felicidade na interação com as crianças, mostrando-se bem-dispostos e alegres ao ensiná-las e, também, ao perceberem que naquele local eram os seus “professores”. Podemos mencionar uma situação ocorrida num contexto de rua, onde não estava a ser realizada nenhuma atividade. Um dos idosos ia a passar em frente da escola, quando um grupo de crianças foi ter com ele e o abraçou, perguntando-lhe se estava bem. O idoso em causa ficou bastante emocionado, tendo imediatamente contado no centro de dia este episódio, muito orgulhoso.

Os idosos referiram no final do projeto que “*é muito bom as crianças aprenderem com quem sabe mais que elas*”; também revelaram que nunca tinham ido à escola, sendo que alguns homens mencionaram que nem à escola dos próprios filhos. Ficou bem patente a sua felicidade ao serem reconhecidos pelas crianças e, por sua vez, ao conhecerem algumas da sua aldeia/rua com quem nunca se tinham cruzado.

A presença contínua da responsável pelo projeto permitiu uma avaliação participante, onde foram observadas as reações de todas as partes envolvidas, ao longo das várias sessões, e registadas para posterior reunião de avaliação com professores e voluntários.

Em primeiro lugar, importa salientar o sucesso do projeto da horta intergeracional pedagógica. Depois de todo o planeamento e dedicação foi feito um balanço positivo das atividades. De facto, o objetivo a que nos propusemos foi cumprido, pois reabilitou-se um terreno que estava completamente abandonado, tendo sido transformado num local de aprendizagem, de laços sociais, ternura e brincadeira. É certo que este foi um trabalho muito exigente em termos de compromisso e dedicação, pois para além da necessidade de presença nos dias das atividades, também foi preciso uma deslocação quase diária ao terreno para regar, cuidar das plantas e fazer as colheitas.

Outro fator que nos mostra o sucesso da horta intergeracional é o facto de todas as entidades envolvidas terem mostrado interesse em continuar a participar no ano letivo seguinte. Também as famílias revelaram permanecer envolvidas, pois, para além de terem prontamente equipado as suas crianças com as roupas e calçado próprio para os trabalhos na horta, foram muitas vezes encontradas crianças a mostrar o terreno aos seus pais com todo o orgulho.

Contudo, não podemos terminar sem salientar a importância do trabalho dos voluntários em todo o processo. Estes foram essenciais, numa primeira fase, na vedação, na construção de passeios, na captação de água, bem como outros apoios necessários. Numa segunda fase, colaboraram de forma organizada nas atividades calendarizadas. Outro aspeto não menos importante, dado que permite aferir a importância do projeto a mais longo prazo, é o facto de atualmente os idosos do centro de dia continuarem a consumir os legumes que eles próprios cultivaram com os mais novos, sendo este um fator de grande motivação e orgulho para todos.

Em continuidade do trabalho desenvolvido, em anos seguintes será necessário construir um poço ou fazer um furo como forma de ter mais água para a realização das atividades – aspeto referido pelos vários participantes.

Concluimos este artigo salientando que com vontade, planeamento, cooperação e criatividade, é possível alcançar pequenas utopias, a nível de uma comunidade local, com transformações sustentáveis, mobilizando os princípios da gerontologia educativa e da educação intergeracional, os quais resultam em benefícios indiscutíveis para todos.

### Referências

- Caffarella, R. S., Daffron S. R., & Cervero, R. M. (2013). *Planning programs for adult learners: A practical guide* (3ª ed.). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- França, L., Silva, A., & Barreto, M. (2010). Programas intergeracionais: Quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria E Gerontologia*, 3(13), 519–531.
- Oliveira, A. L. & Figueiredo, J. (2017). Reflexões em torno da gerontologia educativa e de uma experiência com idosos em contexto de lar. In L. Alcoforado, M. R. Barbosa & D. A. Barreto (Eds.), *Diálogos Freirianos: A Educação e Formação de Jovens e Adultos em Portugal e no Brasil* (pp. 613-637). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1326-0-28>.
- Osorio, A. (2003). *Educação permanente e educação de adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sáez, J. (2002). Hacia la educación intergeneracional. Concepto y posibilidades. In J. Sáez (Coord.), *Pedagogía social y programas intergeneracionales: Educación de personas mayores* (pp. 99–112). Málaga: Aljib.
- Simões, A. (1999). A educação dos idosos: Uma tarefa prioritária. *Revista Portuguesa de Educação*, 12(2), 7-27.
- Simões, A. (2002). Um novo olhar sobre os idosos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 36(1, 2 e 3), 559-569.
- Villas-Boas, S., Oliveira A. L., Ramos N., & Montero, I. (2013). Intergeneration education as a strategy for promoting active aging: Analyzing the needs of a local community as a way to develop relevant and sustainable projects of intervention. In A. L. Oliveira et al. (Coord.), *Promoting conscious and active learning and ageing: How to face current and future challenges?* (pp. 161-174). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. [http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0732-0\\_8](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0732-0_8)
- Villas-Boas, S., Oliveira, A. L., Ramos, N. & Montero, I. (2015). Conhecimento da comunidade local para a elaboração e implementação de programas intergeracionais - nota de pesquisa. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 31(1), 189-197. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982015000000010>
- Villas-Boas, S. Oliveira, A. L., Ramos, N., & Montero, I. (2016). A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida: Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. *Investigar em Educação*, 2(5), 117-141. ISSN: 2183-1793. <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/114/113>

### Agradecimentos

Apoio: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Centro Social Paroquial de São Tiago da Guarda, Ansião